



\* A. C. Porciani Greggio

# ENTENDENDO A CONFUSÃO DO ORIENTE MÉDIO

2ª PARTE

"أنا ضد أخي وأنا وأخي ضد أبناء عمومتنا وعائلتنا ضد قبائلنا وقبيلتنا ضد العالم."

**D**esculpe. A sentença acima, em árabe, não é pedantismo, é ilustração. É o aforismo no qual os árabes, com tristesca, resumem a política no Oriente Médio: "Eu contra meu irmão; meu irmão e eu contra nossos primos; meus primos e eu contra o nosso tribo; nossa tribo contra o mundo." No Oriente Médio é assim mesmo: a política não trata de ideias nem de ideologias, mas de clãs, de tribos, de facções, de identidades definidas pelos árvore genealógicas ou pela religião. As ideologias e partidos não passam de rótulos eletrônicos de tribos ou comunidades fechadas em contínuo conflito entre si, cujo interesse é a supremacia sobre as demais.

As tribos ou comunidades se dividem em famílias, as quais se agrupam em **linhagens**, ou linhas de ascendência ligadas a algum ancestral comum. Linhagens estreitamente relacionadas são incorporadas a uma linhagem maior, ligada a um ancestral comum mais remoto; linhagens maiores, por seu turno, são agrupadas em outras ainda maiores, com algum ancestral comum ainda mais remoto, que terá vivido em época além da memória. Desse modo, os indivíduos se identificam por intermédio de suas linhagens. Se dois homens que não se conhecem conversarem sobre suas respectivas linhagens, logo saberão se o outro é amigo, estranho ou potencial inimigo.

Esse fenômeno é denominado **tribalismo**. Infelizmente, no Brasil, há antropólogos que censuram o uso desse termo porque, na sua opinião, é *politicamente incorreto*. Mas como este artigo não é endereçado a acadêmicos, insistiremos no **tribalismo**, porque serve ao nosso propósito.

A única força capaz de superar o **tribalismo** e polarizar as tribos em torno de ideais mais elevados foi o **Islam**, no século 7 DC. Até essa época, os povos árabes viviam no deserto ou nas fronteiras dos dois grandes impérios que disputavam o domínio do Crescente Fértil, entre o Mediterrâneo e as montanhas do Irã: do lado ocidental, o Império Bizantino; do oriental, o Império Persa. Alguns tribos eram cristãos, outras copiavam o judaísmo ou as religiões do Irã.

Várias eram as animosidades tribais rapidamente entre os árabes? Porque, além de simples, lógica e coerente, era a primeira religião monoteísta revelada na língua árabe, em versos de arrebatadora beleza. A poesia e a sua narrativa lírica eram as artes mais caras aos corações dos povos do deserto. A primeira mensagem de caráter espiritual capaz de superar as diferenças, estabelecer a confiança e unir todos os árabes como um só povo, com a missão de difundir a mensagem de Deus ao mundo na sua própria língua!

Qual era essa mensagem? O nome *Islam* é derivado de um radical árabe de três letras – *slm* – que tem notáveis usos: *salim*, ou *salaam*, semelhante ao *shalom* dos judeus. *Islam*, porém, significa **submissão**. Que espécie de paz se obtém pela **submissão**? Explica-se: todo o mundo sido criado por Deus, é óbvio que tudo se rege de acordo com as leis de Deus, que são também as leis da natureza. Quando o homem vive de acordo com a lei de Deus, nada mais faz do que seguir as leis naturais, e assim vive na paz de Deus. Mas quando o homem desobedece às leis de Deus, ou delas se desvia, automaticamente entra em conflito com o mundo e consigo mesmo, e não vive em paz. Submeter-se a Deus, porém, não significa perder nada, não abrir mão de liberdade. Ao contrário, ao submeter-se a Deus, o ser humano se livra do Mal, recupera a sua liberdade e vive em harmonia com o universo.

Nesse contexto, a mensagem de Deus era simples e direta. Quem a ouvisse e se submeterse, era recebido como irmão e pas-

sava a fazer parte da *Umma*, a grande Nação do Islam. Quem a ouvisse e não a aceitasse, não podia alegar ignorância nem inocência. Só havia dois caminhos: ou com Deus, ou contra Deus. Essa lógica justificava a Guerra Santa, ou *Jihad*, contra os que não aceitassem a conversão.

Unidas pelo espírito de fraternidade e movidas pelo mais elevado ideal – a vontade de Deus – as tribos se transformaram num grande exército quase invencível.

O surgimento do Islam, no século 7 DC, aconteceu na mesma época em que os dois grandes impérios do Oriente Médio – Bizantino e Persa – se esgotavam em guerras e eram devastados por epidemias. Essa situação excepcional foi aproveitada pelos árabes, que a partir de 628 DC iniciaram as guerras de conquista. Em poucas décadas, invadiram o Oriente Médio, o Norte da África e a Península Ibérica e formaram um imenso império do Afeganistão até os Pirineus, fronteira com a França. Esses impérios, porém, não tinham imperador, nem era entidade política. Embora de *facto* tivessem todas as características de império temporal, era – em teoria – encarregado de administrar o domínio de Deus sobre a Terra, de unir toda a Humanidade numa só Fé e expulsar o

Outro problema, mais grave, era como acomodar as tribos guerreiras à nova situação de senhores e administradores do império. Ibn Khaldun, o grande historiador e teórico político árabe do século 14, dividia os árabes em duas categorias: os **sedentários** ou **semi sedentários**, que viviam da agricultura ou da criação de ovelhas ou cabras; e os **guerreiros** nômades, que cruzavam os desertos e possuíam **caballos** ou **camelos**. Segundo ele, os guerreiros eram por natureza feroces, ativos, indomáveis, selvagens, destrutivos, inimigos das cidades e da própria civilização. Curiosamente, Ibn Khaldun era, ele próprio, descendente de estirpes guerreiras que haviam dominado o norte da África e a Espanha, portanto falava com autoridade e insensibilidade e submissos; e cabria da proteção do Estado. A obediência aos governantes enfraquecia seu caráter. Precisavam fingir, mentir, anular-se, bajular os poderosos para viver em paz. Para subir na vida, recorriam à esperteza, à habilidade em negociar e enganar. Já os guerreiros do deserto se destacavam pela bravura, pela lealdade, pelo

caremos alguns artigos a essas facções, que muito complicam o confuso cenário do Oriente Médio.

Além dessas dificuldades, a administração do imenso Califado exigia grupos burocráticos, polícia, serviços de inteligência, correios, fiscalização e arrecadação de tributos, proteção às caravanas no deserto. Os governantes precisavam cooptar e aproveitar gente competente entre os cristãos, judeus, gregos, persas e outros não árabes, convertidos ou não.

O impeto guerreiro durou entre os anos 628, quando se iniciou a *Jihad* conduzida pelos árabes, até 732, quando as conquistas islâmicas esbarraaram no seu limite, ao serem derrotadas por Carlos Martel na tentativa de invasão da França.

A partir desse ponto, duas forças passaram a influir na política do Oriente Médio: o **Islam** e o **tribalismo**. As vezes **complementares**, às vezes **antagônicas**, entender seu mecanismo é essencial para compreender o que se passa naquela conturbada região.

O Islam foi revelado ao Profeta Maomé, nascido na cidade de Meca, onde cresceu e se tornou comerciante. O ambiente onde surgiu a religião muçulmana era, portanto, urbano, civilizado e letrado. O Islam é religião universal, aberta a todos os povos, que se procura conquistar adeptos mediante ativo proselitismo. O Islam é incompatível com o **tribalismo**, com o **nacionalismo**, com todas as formas de **exclusivismo**, de **separação**, de **discriminação** entre povos. O Islam abrece as guerras entre tribos ou facções políticas ou religiosas.

O Islam não é religião separada da política ou do governo. Ao contrário. As leis e a vontade de Deus governam o mundo, mas Deus não é político nem governante, ou seja, não exerce **poder temporal**. Esse poder é exercido por seres humanos. Deus criou a Humanidade para, por seu intermédio, **reinar** o mundo. Era para governar o mundo, a Humanidade deve, em primeiro lugar, governar a si mesma. A instituição de governos, de leis, de juizes, de administradores, tudo isso é da vontade de Deus.

As leis se derivam diretamente do Alcorão, que é o Livro aprovado pela religião, pois vai muito além: é constituinte, é lei civil e comercial, é lei penal, e é também código de conduta e de ética, que orienta em todos os aspectos a vida das pessoas, dos governos e da Nação.

Pergunta: se os Estados e os governos correspondem à **vontade de Deus**, deve-se concluir que o Deus aprova os tiranos? Não. A lei de Deus não pode ser usada como pretexto para usurpar ou oprimir. A tirania é **usurpação**. O tirano desobedece à vontade de Deus e por isso perde a **legitimidade**. Nesse caso, a lei de Deus se volta contra ele e a legitimidade se transfere para o que a ele se opõem e o povo adquire o direito de **destituir** o tirano.

Veja o leitor onde chegamos. O Islam é incompatível com a anarquia do tribalismo e favorece governos temporais, sob a condição de obedecerem à Lei de Deus. Acontece que a Lei de Deus está acima dos governos e pode ser invocada contra o Estado, quando este perde a legitimidade. Portanto, a mesma lei que institui os governos temporais em detrimento das tribos pode ser por vezes invocada para a *Jihad* contra os próprios governos por ela sancionados.

Essa é uma das **contradições fundamentais** que atormentam o Oriente Médio. Nos próximos artigos falaremos de outro ponto crucial: a questão das **identidades nacionais** dos povos daquela região.

**Para encerrar: que interesse têm essas temas para a política brasileira? Talvez não. Mas para a política brasileira próxima INCONFIDÊNCIA, porque o espaço já acabou.**



Império Bizantino e Persa século 7cb

Mal do mundo. O Estado islâmico era governado pelo **Califa** – um supremo executivo aprovado pela comunidade de fiéis –, em sua capital em Damasco, na Síria, e era denominado **Califado**.

Quando os árabes chegaram ao limite de suas forças e cessaram as guerras de conquista, as coisas mudaram. Era hora de cessar os combates e de administrar o imenso território conquistado.

Um dos primeiros problemas era o da conversão forçada dos povos vencidos. De acordo com o *Kitaab* muçulmano Abu Iusuf no seu livro *Kitabu ul-Kharaj* (publicado no século 8 DC) havia dois tipos de submissões: os árabes e os demais povos. Os árabes que não se submetessem deviam morrer. Os demais povos, porém, tinham uma terceira opção: não se converter, mas aceitar a submissão política e civil e passar a viver como cidadãos de segunda classe, ou *dhimmi*, com direitos limitados e obrigação de pagar tributo.

Quem eram os árabes? Hoje, consideramos árabes todos os cidadãos dos 22 países membros da Liga dos Estados Árabes. Naquela época, porém, era diferente. O adjetivo *árabe* provém do radical *‘arab* que denota “o que vivem em tendas”, ou seja, os nômades do deserto. Não se aplicava aos que eram etnicamente árabes mas viviam nas cidades. Esses podiam escolher entre a degradante submissão à *dhimma* ou a conversão ao Islam. Os administradores das cidades escolhiam a opção que apresentava uma incômoda contradição. De um lado, como bos muçulmanos, desejavam a conversão de todos os submissos à *dhimma*. Do outro, precisavam da arrecadação desse tributo para fechar as contas públicas. Cada conversão implicava um fiel a mais e um contribuinte a menos.

herosismo, pelo saber. Para serem respeitados, tinham de defender sua honra e sua reputação, as quais valiam mais que tudo. Viviam no limite de suas forças, contra a natureza hostil e os inimigos. Desbravavam os mais distantes locais do deserto. Aceitavam a morte e as misérias da vida com resignação fatalista. Sem a proteção do Estado, mantinham-se vigilantes, aptos e prontos para o combate.

Nesses termos de comparação, não resta dúvida: o do deserto era superior aos sedentários... para a *Jihad*, a Guerra Santa.

Finda a Guerra, era necessário transformar os guerreiros do deserto em soldados regulares, aquartelados em suas respectivas guarnições, submetidos a hierarquia e disciplina. Nesse ponto, acredita que os meus caros leitores militares devem estar a sorrir, imaginando o imenso *abacaxi*. Aquartelar aqueles homens, submetê-los a regulamentos de continência, disciplina e administração, ensinamentos a viver sedentariamente e a esperar o pagamento do soldo, ministrá-los em ordem unida... só rindo.

Pois é. Não demorou, e começaram os motins e revoltas nas unidades militares, especialmente as situadas no Iraque e no sul do Irã. A partir desse ponto, torna-se impossível descrever os tormentos acontecimentos que, além dos episódios políticos e militares, dividiu o Islam em facções e grupos. Não se reconciliaram. Inicialmente eram apenas três: os **xitas**, concentrados no Iraque e no Irã; os **sunitas**, espalhados por todo o Oriente Médio, Norte da África e Península Ibérica; e os **caraitas**, os mais radicais, dispersos pelo mundo islâmico como facções terroristas. Havendo tempo, dedi-